

Currículo e ensino de comunicação

Mérli Leal Silva

Professora

merli.leal@ipametodista.edu.br

Centro Universitário Metodista IPA, RS

Resumo

Este trabalho reflete sobre a construção do currículo do Curso Superior da UPF pelos poderes instituinte, instituído e usos que alunos e professores fazem dele em espaços de interação. A pesquisa pensa o currículo e as teorias curriculares como um discurso produtor de sentidos, identidades e subjetividades. Como texto portador de significados e veiculador de formas de ensinar, aprender e de ver o mundo, é concebido, nesta tese, como discurso comunicativo, razão pela qual as teorias da comunicação passam a ganhar relevância ao lado das teorias da educação.

Palavras-chave: Comunicação, Currículo, Ensino.

Introdução

Refletir sobre como se ensina e aprende na universidade é um caminho amplo, tortuoso e cheio de incertezas. No ensino de comunicação algumas especificidades se fazem presentes e é dentro do caráter polissêmico do discurso comunicativo que vamos focar nosso olhar.

"Os textos que seguem aspiram a ser indisciplinados, inseguros e impróprios porque pretendem situar-se à margem da arrogância e da impessoalidade da pedagogia técnico-científica dominante, fora dos tópicos morais em uso com os quais se configura a boa consciência, e fora também do controle que as regras do discurso pedagógico instituído exercem sobre o que pode e não se pode dizer no campo. Distanciados de qualquer pretensão de objetividade, de universalidade ou de sistematicidade, e inclusive de qualquer pretensão de verdade, nem por isso renunciam a produzir efeitos de sentido. Sem vontade de prescrever formas de atuação, não abdicam de iluminar e modificar as práticas" (Larrosa, 2003, p. 07).

Entender como se estabelecem relações de ensino-aprendizagem no ensino superior e analisar currículos deste nível de ensino conforme as teorias curriculares e da comunicação, são alguns dos desafios que nos propusemos neste trabalho.

As condições de produção de uma proposta curricular podem ser apreendidas na ordem do discurso educativo. Mas no caso de um curso de comunicação, o discurso mediático¹ também está presente, assim

¹ Discurso, segundo Iasbeck (2002), é o lugar onde acontece a ação sígnica que resulta na produção de sentido. Ele é uma modalidade privilegiada de aplicação de linguagens diferentes; está ligado a enunciados concretos e processos de produção social culturalmente determinados. O discurso se dá a conhecer pelos textos que produz e o currículo é um discurso, sendo que no caso do curso de comunicação social-habilitação publicidade e propaganda há outras vozes no discurso curricular, emanadas dos meios de comunicação.

como os elementos da teoria da comunicação. Sendo a educação um ato comunicativo, outros cursos superiores, para comunicar suas mensagens (conteúdos) devem também utilizar estratégias comunicativas, além do discurso específico de cada área de conhecimento e que define regras e modos de ver o mundo.

O conjunto de textos produzidos estabelece a fisionomia do discurso e lhe dá fronteiras e identidades sociais. Pressupomos que os currículos de comunicação podem ser analisados segundo o modelo comunicativo emissor-mensagem-receptor e suas interfaces.

Estes três elementos do campo da comunicação respondem pelas três instâncias nas quais este trabalho foi pensado e elaborado. Os campos da comunicação e da educação têm em comum o que Thompson (1995) chama de poder simbólico, que nasce na atividade de produção, transmissão e recepção de significados.

A atividade simbólica está presente em todos os atos da vida social. As ações simbólicas podem provocar reações, liderar respostas de determinado teor, sugerir caminhos e decisões, induzir a crer e a descrever. Há uma grande variedade de instituições que assumem um papel particular e historicamente importante na acumulação e transmissão dos meios de informação e de comunicação. Entre elas está a Universidade.

Se em todo contexto comunicativo há um emissor, uma mensagem, um receptor e efeitos, o contexto educativo pode ser analisado à luz da teoria da comunicação. Nessa acepção, docentes, discentes, consultores, desempenham papéis que podem ser decifrados no campo da comunicação.

Construindo currículo a partir de teorias e práticas

Para investigar como um currículo no ensino superior é construído torna-se fundamental conhecer os aportes teóricos que fazem parte da concepção do mesmo. Para Silva (1999), uma teoria é uma representação, uma imagem, um reflexo. A teoria do currículo, nesta acepção, busca descobrir, descrever e explicar o que é currículo. Ele seria um objeto que precederia a teoria, a qual só entraria em cena para descobri-lo, descrevê-lo, explicá-lo.

Contudo, para o autor, uma teoria se define pelos conceitos que utiliza para conceber a realidade. Os conceitos de uma teoria dirigem nossa atenção para certas coisas que sem elas não veríamos, dado que eles organizam e estruturam nossa forma de ver a realidade.

Um currículo é um artefato social e cultural e como tal, singular, reflete realidades específicas, que dão ao ensino pertinência e relevância em relação aos emissores e receptores do texto curricular:

"... não faria sentido selecionar conteúdos sem ter por referência seus destinatários, o estado do conhecimento científico e a realidade cotidiana da cultura" (Pedra, 2001, p. 58-59).

A interface comunicação e educação

O que faz um currículo de comunicação ser o que ele é? Que processos de re-significação pedagógica ocorrem quando produzimos um currículo de um determinado campo de conhecimento?

Segundo Rodrigues (1990), o campo dos media é o campo cuja legitimidade é por natureza uma legitimidade delegada de outros campos da sociedade, porque tem a característica principal da mediação. O campo mediático, portanto, é uma instituição que não só reflete como faz parte do tecido social contemporâneo. A mídia é uma esfera que proporciona visibilidade social às instituições (inclusive à universidade). Outra similaridade é a produção e disseminação de conteúdos culturais e simbólicos da sociedade. Universidade e mídia são esferas de construção de inteligibilidade, possuem tradição e reconhecimento público e veiculam conteúdos que, implícita ou explicitamente, dão uma visão de mundo, excluindo outras.

Ambas fazem uma seleção de conteúdos que circularão na sociedade e que produzirão sentidos.

Partiremos da premissa de que há uma integração entre o discurso educativo contido nos currículos de comunicação e o campo dos media. Os modelos teóricos da comunicação acompanham os modelos teóricos educativos porque ambos os campos lidam com estratégias comunicativas e persuasivas.

As forças que estruturam um currículo são pertinentes aos campos de conhecimento específicos; com suas particularidades e jogos de poder e resistência. Cada área de conhecimento dispõe de estratégias de produção, de rituais, de códigos, mensagens e discursos que lhes definem e configuram, tornando-as únicas.

Para entender como se configura um currículo de comunicação social é fundamental reconhecê-lo na sua heterogeneidade, na sua singularidade como espaço de formação de comunicadores sociais.

As teorias de recepção provam hoje o papel do receptor e, no caso da educação, os alunos como receptores são questionadores e não aceitam passivamente os conteúdos. A emissão de conteúdos e sua recepção, tanto na comunicação quanto na educação, baseia-se no estímulo-resposta e nos paradigmas comportamentalistas também, mas não apenas neles. Entender as especificidades da audiência e dos alunos enquanto sujeitos torna a transmissão de conteúdos mais eficiente. Se para a teoria behaviorista o indivíduo submetido aos estímulos da propaganda podia apenas responder sem oferecer resistência, a posterior evolução da pesquisa em comunicação converge na explicitação de que, na influência dos meios de comunicação de massa intervêm as resistências que os destinatários opõem de várias formas. Para que o discurso comunicativo e educativo se concretize, dois pontos devem ser considerados: as características dos destinatários que intervêm na obtenção do efeito e a pesquisa que considera a organização eficiente das mensagens com finalidades persuasivas.

A construção de um projeto curricular deverá prever o interesse dos destinatários, sejam eles alunos ou professores. A interpretação transforma e adapta o significado de uma mensagem recebida, fixando-a às atitudes e aos valores do destinatário, até mudar o sentido da própria mensagem.

O emissor detém um tipo de conhecimento da realidade, compreendendo o objeto do qual vai falar. O que se comunica (seja através da mídia ou de um currículo em ato) é quase sempre uma visão de alguma coisa que se transforma em objeto de conhecimento. O receptor, ao receber a mensagem ou ser ver diante da mensagem, busca apreender, ampliar sua visão de mundo, aprofundar seu entendimento sobre algo e entender a realidade.

Os meios de comunicação, através de suas variadas e sedutoras estratégias, buscam criar uma realidade com lentes adaptadas ao contexto social vigente.

Um currículo de publicidade, através de seus mecanismos de produção, também tenta construir para seus sujeitos uma noção de realidade da área da comunicação, o que envolve representação. O perfil dos professores, a bibliografia, a seqüência das disciplinas, os pré-requisitos, configuram elementos que criam um perfil de curso e de egresso, dado que há uma realidade sendo construída em cada projeto curricular, tal como os conteúdos das mídias o fazem.

O currículo segue proporcionando informações sobre quando ensinar, dando a noção de seqüência de ação. Proporciona igualmente informações sobre como ensinar, as maneiras de apresentar os conteúdos para atingir os objetivos de ensino. O processo de avaliação prevê correções de rota, caso os objetivos não sejam atingidos.

Os destinatários não recebem uma só mensagem, mas muitas, tanto no sentido sincrônico quanto no sentido diacrônico. Dai se pode pensar em um modelo de comunicação de massa e de construção de currículos para a educação das massas, onde a relação comunicativa é construída em torno de conjuntos de práticas textuais. Neste sentido, comunicação e educação compreendem um processo de produção e compartilhamento de sentidos entre sujeitos interlocutores, realizado através de uma materialidade simbólica (da produção de discursos) e inserido em determinado contexto sobre o qual atua e do qual recebe os reflexos.

Já na teoria prática do currículo o enfoque é humanista, liberal e racional (Kemmis, 2001). Há um reforço na concepção do currículo como processo e não como produto. Como processo, é uma proposta interpretada pelos professores de várias formas e aplicada em diferentes contextos (Pacheco, 2001). O conhecimento é visto como objeto e professores e alunos como sujeitos e o currículo está sempre no centro de negociações entre os mesmos.

Nas teorias comunicativas também temos o enfoque prático, uma vez que os estudos são, em sua maioria, aplicados ou resultado de observações dos emissores, receptores, meios e suas reações frente às mensagens.

A procura do sentido prático resultante da interação entre leitor (professor) e autor (especialista curricular) conduz à posição de Stenhouse (1984) para quem o currículo é uma proposta, uma hipótese que necessita de ser comprovada e investigada:

"Um currículo é uma tentativa de comunicar os princípios e aspectos essenciais de um propósito educativo, de modo que permaneça aberto a uma discussão crítica e possa ser efetivamente realizado" (Stenhouse, 1984, p. 29).

Se o currículo é um texto que produz sentido (tal como os textos comunicativos), a interpretação dos textos curriculares supõe uma atividade prática e implica a consideração dos alunos e professores como sujeitos ativos de todo o processo.

Construir um projeto curricular em uma área interdisciplinar como a comunicação social exige mais que credibilidade acadêmica no campo (não que isso seja pouco), mas um domínio da área da educação e seus contextos: conteúdos, perfil de alunos, formação de professores, políticas de gestão de recursos didáticos (laboratórios, livros-texto, agências experimentais). A questão central nas condições de produção de um currículo consiste, portanto, em saber quais fatores controlam o processo de tomada de decisões e de que forma esse controle é exercido.

Currículo instituinte (emissor)

Diferentes currículos formam diferentes pessoas e os mesmos podem lhes trazer maior ou menor consciência social, sucesso, prestígio. Além de trazer conhecimento, o currículo também é fator de identidade. Contudo, definir o que será o conteúdo do ensino é uma ação concreta de poder. O que se ensina expressa os valores e conceitos válidos em uma sociedade. Sacristán critica, inclusive, o papel utilitarista do currículo, com predomínio forte da teoria técnica e tradicional:

"a elaboração intelectual sobre a educação, o pensamento educativo e a pesquisa ficaram marcados por essa ideologia utilitarista. A inclinação profissionalizante do currículo leva a uma forte dependência de todo o sistema escolar quanto ao sistema produtivo que alcança as legitimidades intelectuais desta tendência, em contradição, às vezes, com as funções exaltadas pelo discurso humanista, social" (Sacristán, 2000, p. 163).

Para que possamos entender como o currículo adquire significado para os sujeitos por ele atingidos é fundamental analisar as condições de produção que o concretizaram, verificar o tipo de discurso usado. As condições de produção são responsáveis pelo estabelecimento das relações de força no interior do discurso e mantêm com a linguagem uma relação necessária, constituindo com ela o sentido do texto. As condições de produção fazem parte da exterioridade lingüística e podem ser agrupadas em condições de produção em sentido estrito, apreendendo as circunstâncias de enunciação, e em sentido amplo, considerando o contexto sócio-histórico-ideológico.

Construir um projeto curricular em uma área interdisciplinar como a comunicação social exige mais que credibilidade acadêmica no campo (não que isso seja pouco), mas um domínio da área da educação e seus contextos: conteúdos, perfil de alunos, formação de professores, políticas de gestão de recursos didáticos (laboratórios, livros-texto, agências experimentais).

O currículo padrão é um currículo de transferência que veicula conhecimento reprodutivo já filtrado e selecionado para ser transmitido aos alunos que conseguirem acesso às seriações dos diferentes níveis de ensino. Quando burocrático, ele conduz a uma forma autoritária de programação do conhecimento, dadas as suas características de pré-determinação e de fragmentação (Silva, 1990).

Do entrelaçamento das forças formais (MEC, sindicatos, grupos de influência, organizações laborais, conteúdos de ensino, estilo de gestão) e informais (grupos de interesse, editorias, meios de comunicação, opiniões individuais, crises sócio-cívicas, costumes, tradições, concepções acerca do currículo, dinâmica dos grupos de influência) resulta o currículo que tem como sujeitos os empregadores, as instituições de formação, os encarregados de educação, os órgãos de decisão política e educativa, os professores, os alunos,

etc. que assumem entre si uma função co-participante no sentido de contribuir para a aprendizagem. Qualquer que seja o modo de planejar o currículo, essas decisões atingem objetivos, conteúdos, experiências de aprendizagem, recursos e avaliação.

É neste contexto que são definidas as normas que regem o currículo. Tais normas, enredadas em uma ordenação jurídica e administrativa, traçam as opções fundamentais sobre a elaboração e prescrição curricular (planos, programas), propõem orientações programáticas, incluindo normas sobre a elaboração dos materiais curriculares, e definem critérios de organização curricular. Múltiplos fatores se entrecruzam e se determinam mutuamente, aparecendo com maior ou menor intensidade neste ou naquele período histórico, em um ou outro contexto (geográfico, político, econômico, social, cultural).

Os produtores do currículo selecionam elementos da cultura para serem convertidos em conhecimento válido. O poder instituinte corresponde ao tipo de interesse, opções e perspectivas para o qual o currículo vai servir.

Ele é, na verdade, o conjunto de visões muito particulares do conhecimento considerado válido. O currículo é um espaço de discussão, investigação e intervenção.

A prática curricular aborda questões da ordenação do ensino: epistemológica (o que deve ser considerado conhecimento), política (quem controla a seleção e distribuição do conhecimento), econômica (como se relaciona o conhecimento com a distribuição desigual do poder, bens e serviços na sociedade), ideológica (que conhecimento é mais valorizado e a quem pertence), técnica (como tornar exequível o conhecimento para os sujeitos), estética (como ligar o conhecimento com a experiência e biografia do aluno), ética (que idéia de moral preside as relações entre seus sujeitos), histórica (com que tradição contamos para abordar estas interrogações e que outros recursos necessitaremos).

O currículo se configura em relação aos contextos pedagógicos, políticos, econômicos, legislativos, administrativos. No caso do ensino superior, o Ministério da Educação avalia as condições de ensino e através de critérios relacionados aos padrões de qualidade dos cursos, e cria normas para várias questões relativas à produção dos currículos dos cursos.

O currículo criado pela UPF para o curso de comunicação social foi produto de disputas e negociações de várias ordens: administrativa, política, pedagógica, corporativa, mercadológica.

Segundo o professor consultor que coordenou o projeto curricular, o curso foi uma idéia que veio da vice-reitoria de graduação a partir de uma sondagem feita na cidade.

"Para que o projeto do curso fosse concretizado, fundamental foi incorporá-lo à Faculdade de Artes e Comunicação. Isso ocorreu pela similaridade das áreas e pela possibilidade de incorporar vários professores já lotados na Unidade" (consultor).

No decorrer das reuniões de planejamento surgiu a necessidade de formar recursos humanos para atuar no novo curso. Por sugestão do consultor elaborou-se um curso de especialização, condição necessária aos que pretendessem a docência no novo curso. Junto à graduação, iniciou também o curso de mestrado, que formou 38 profissionais, muitos dos quais estão atuando no curso de graduação.

Segundo o professor consultor, as condições de produção do currículo de publicidade da UPF foram determinadas pela Reitoria. Ao consultor coube realizar o diagnóstico sócio-cultural da região, avaliar as demandas do mercado de trabalho regional como pressupostos para estruturar o projeto pedagógico do curso. Tudo ocorreu, segundo o professor consultor:

"sem conflitos, uma vez que a reitoria confiou plenamente na minha competência acadêmica e aprovou previamente a minha proposta de fundamentar o trabalho nas demandas regionais para delinear o perfil profissional dos diplomados e montar a grade curricular".

Há um contexto prévio à universidade que determina como, quem e por que se decide o conteúdo da educação, como se selecionam e ordenam esses conteúdos, como e quem os apresenta aos professores.

O enfoque técnico e tradicional que rege o currículo impede saltos inovadores - é nesse ponto que uma teoria curricular aparece com suas marcas. A interação com outras áreas de conhecimento, a abertura para projetos inovadores, a discussão entre professores de áreas distintas para a construção de um plano pedagógico comum ficam perdidas no fechamento das grades curriculares impostas por um currículo mínimo.

É nesse contexto que o currículo tem um peso grande como construtor da realidade do futuro profissional. Ele deixa "marcas" nos estudantes e nos professores e elas irão acompanhá-los por muito tempo.

O currículo instituído

Uma grade curricular define o que será ensinado, dando ao curso uma ordem, uma seqüência interna. O registro das disciplinas, sua distribuição pelos níveis de ensino e a carga horária estão 'aprisionados' na grade curricular. Olhando para uma grade curricular, é possível inferir muito sobre o perfil de egresso do curso.

Ela é resultado de todo um projeto educativo, e no caso de um curso superior, incorpora aspectos culturais e sociais da profissão.

A grade de disciplinas, o ementário e a bibliografia também veiculam mensagens para seus receptores (alunos e professores). Como mensagens do currículo, enviam sua ideologia, sua visão de mundo, de saber e poder presentes no conteúdo de seus discursos. Enquanto projeto cultural, social e político, o currículo é construído com base no sistema de idéias, valores, atitudes, crenças, tudo partilhado por um grupo de pessoas com um peso significativo em sua elaboração.

A instância formal escrita do currículo gerencia todas as dinâmicas que giram em torno dele: equipamentos, laboratórios, corpo docente, biblioteca e bibliografia básica e complementar. As 'mensagens' do curso são passadas através dos elementos que constam nesta instância. Elas são estabelecidas em função de sua relevância em relação aos interesses institucionais e de mercado e são convertidos em saberes seqüenciados e dosados segundo as finalidades do projeto do curso. O papel da organização dos conteúdos é controlar o conhecimento de acordo com o público a que se destina e com os interesses em disputa, criando ordenação, seqüenciação e dosagem dos mesmos (Saviani, 1998).

O que grade, ementas e bibliografia, enquanto mensagens, veiculam, propagam, produzem de sentido?

"Mas a vida e o curso universitários não podem ser reduzidos ao "curso", ao instituído no currículo. Indispensável também a existência plural e continuada de um conjunto de atividades extra-currículo para atender aos anseios acadêmicos mais específicas de alunos e mesmo os interesses e potenciais diferenciados de alguns estudantes".²

O plano curricular expresso nestes três elementos estabelece o que ensinar (ementas), quando (seqüência e inter-relação das disciplinas), como (carga horária) e com que meios (bibliografia-laboratórios). Mas cada um destes elementos encerra uma multiplicidade de significados para os sujeitos da educação.

De acordo com o projeto que lhe deu origem, o Curso de Comunicação Social - Habilitação Publicidade e Propaganda da UPF foi organizado para fomentar o mercado de trabalho regional. Contudo, considerando uma grade com tantas matérias obrigatórias pelo currículo mínimo, o espaço para atender as especificidades regionais ficou restrito. O projeto pedagógico ficou atrelado a muitas obrigatoriedades, reflexo claro de uma legislação de ensino superior centralizada e controladora. Tal como orientam as teorias técnicas do currículo fundadas na legitimidade normativa da ideologia burocrática, o currículo do curso em questão aparece na grade como produto e os conteúdos são organizados em disciplinas. O ementário e a bibliografia do curso de comunicação social da UPF apresentam-se em consonância com a grade por algumas vezes (teórico e pouco inovador) e por vezes contraditório com ela.

Há, na formulação das mesmas, uma não consideração do receptor (alunos e professores).

A grade, no seu conjunto, parece-nos refletir a forma como foi construída: pouco discutida com a comunidade acadêmica (conforme as entrevistas relatam), com quase nenhuma interferência de profissionais da área de publicidade, com marcantes falhas conceituais em relação à habilitação. Como mensagem ou discurso comunicativo, a grade não dialoga com seus receptores. Por não haver na universidade nenhum mecanismo de acompanhamento de egressos, fica difícil saber que perfil de profissional foi formado pela grade, que será extinta em 2005/02.

O currículo em ato – os usos do poder

É nesta instância que o currículo toma corpo e se configura como projeto concreto de ensino. Podemos denominar essa a análise dos usos do poder. Pretende-se observar imprevistos, acontecimentos e desastres³ concernentes às falas dos sujeitos entrevistados para o estudo, sobretudo.

Mas o que vem a ser um currículo-em-ato? Uma questão parece-nos fundamental: o currículo interfere na vida de seus receptores e traz efeitos concretos em suas vidas, tal como os meios de comunicação agem na vida dos seus receptores. Professores e alunos, primeiramente, são receptores, consumidores e também reconstrutores do currículo em sala de aula. O espaço da sala de aula converte-se em um laboratório de interações, projetos e concretização de um plano de ensino concebido fora deste espaço.

² RUBIM, Antônio Albino Canelas. **Quatro anos de quê?** Texto apresentado durante o I Seminário Nacional pela Qualidade de Ensino em Comunicação. Brasília, julho 1995. (cópia reprográfica).

³ O termo desastre é utilizado por Renato Janine Ribeiro para caracterizar os imprevistos - situações para as quais devemos preparar nossos jovens estudantes, e que não são necessariamente negativas, mas fundamentais para gerar avanços na forma de perceber e relacionar-se com o mundo.

Alguns depoimentos dos alunos nos ajudam a refletir sobre o currículo em ato.

As percepções dos receptores, consumidores e reconstrutores do projeto educativo são falas passíveis de interpretação, uma vez que configuram formas simbólicas. Perguntada sobre como ela avaliava o currículo aplicado em sala de aula, uma ex-aluna, já formada, respondeu:

"Aí temos problemas. Muitos professores não dominavam a ementa, repetiam conteúdos ao longo dos semestres, etc. Distancia entre teoria e prática, falta de clareza nos critérios de avaliação, enfim, ao final da disciplina o aluno deve estar apto para x, mas faltou a ponte para a realização de avaliações corretas (indicadores de desempenho acadêmico adequados). A seleção ficou para o mercado, infelizmente".

As respostas dos alunos sobre como descreveriam suas aulas e se elas correspondem ao que está expresso nos documentos do curso (grade, ementas, bibliografia), as respostas obtidas de alguns alunos ainda no curso foram:

"As aulas deveriam ser mais baseadas em autores, ou seja, o que está na bibliografia não deve ser só enfeite. Deve-se explorar mais isso, além de tentar conquistar os alunos para eles terem mais interesse, e não haver tanta "matação", tanto por parte dos alunos como dos professores. Os professores devem ser melhor preparados, somente conhecimento na área não basta, é preciso saber como passar o conteúdo, ter domínio de sala-de-aula".

"Nossas aulas são superficiais; na verdade, pouco fazemos em sala. Os trabalhos são sempre feitos fora da sala de aula e acredito que o conhecimento do professor (a presença dele no desenvolvimento do trabalho) contribuiria para o ensino, para um trabalho desenvolvido e acima de tudo, entendido pelos alunos e não feito apenas por fazer. (Não quero dizer que o trabalho "em casa" deveria ser abolido)" (aluna sexto semestre).

"Com certeza os professores seguem à fio aquilo que foi proposto pela ementa da cadeira, até demais, sob o meu ponto de vista, esquecendo muitas vezes aquilo que verdadeiramente interessa em prol de muitas bobagens. Acredito que falte a alguns professores entenderem o déficit da turma e trabalharem nisso, com maior boa vontade" (aluna quarto semestre).

"As aulas são boas, correspondem aos conteúdos, os professores são preparados. Porém acho que um professor não deveria dar mais que uma cadeira no mesmo curso".

Tabela 1 - Percepção de 5 sujeitos (alunos/as) sobre as aulas. Currículo em ação

Categorias	Verbalizações (total)
Professor pouco preparado	4
Relação teoria-prática ausente	2
Aulas boas	1

Aulas ruins	4
Dispersão	1
Outros	5
<hr/>	
Total	17
<hr/>	

Fonte: Depoimento dos alunos da Universidade de Passo Fundo no segundo semestre de 2004.

Os alunos, na amostra, percebem os professores pouco preparados tanto em conteúdo, como em manejo de sala de aula. Isto se reflete na relação inexistente que alguns percebem entre teoria e prática. As aulas são consideradas predominantemente ruins (professores pouco preparados, teoria e prática distantes). Outro fator apontado foi o nível de dispersão (desinteresse dos alunos e também dos professores). Todos possuem alguma questão específica (outros): falta de clareza nos critérios de avaliação, bibliografia só para enfeite, falta acompanhamento do professor nas tarefas, pouca percepção dos problemas da turma, professores deveriam dar apenas uma disciplina no curso.

Para podermos pensar em outras perspectivas para esta situação podemos nos indagar qual o papel da aula na vida dos sujeitos? Como, em um curso de comunicação, ficam marcados os quatro anos de construção de conhecimento?

O espaço universitário tem-se distanciado muito deste lugar, pela superficialidade que as relações entre professor-aluno se processam. Há uma distância emocional perturbadora nas relações dentro da universidade. Falta intensidade nas relações, os critérios (ou as atitudes?) dos alunos em relação às aulas são banalizados: poucos se atrevem a discutir, criticar ou debater, recebem de forma apolítica algo que lhes é dado.

Descobrir-se vendo além do sendo comum, abrindo-se para olhares mais plurais e perspectivas mais democráticas e cidadãos nos torna melhores como professores e alunos.

Um projeto curricular, ao nível das idéias, toma forma no currículo em ação.

Os receptores apropriam-se do currículo em sala de aula, colocam o discurso teórico na prática. A aprendizagem acontece em uma complexa rede de interações, na arena dos sujeitos e dos efeitos à mensagem curricular.

Na vida real e na vida acadêmica, o plano geralmente sofre modificações quando passa para o contexto real. É verdade, portanto, que a instância teórica do currículo sofre a interferência dos sujeitos (alunos e professores), consultores e instituição e do objeto (conhecimento configurado no currículo escrito).

A cultura acadêmica contida nos currículos escritos sofre modificações quando se desenvolve no meio acadêmico concreto, nos contextos internos.

Da objetividade das grades, ementas e planos, prescrições administrativas, o currículo se realiza de forma diferenciada na sala de aula.

Para os alunos, o contexto de mediação por excelência do qual recebem influências é o ambiente acadêmico. O currículo concreto que o aluno recebe deve considerar que a realidade pode estar além do explícito, e o implícito aparece na coleta e análise das falas. Dentro do ambiente acadêmico, seja em sala de aula ou em outros espaços onde ocorre a interação dos sujeitos da educação, há modelos de conduta e aceitabilidade definidas a priori pelo entorno social.

Junto ao currículo- em- ato temos o currículo oculto. É nele que aparecem as idiossincrasias dos grupos humanos, expressos à margem do sistema oficial.

Reflexões não finais, parciais e abertas

No decorrer do trabalho nosso desafio foi estabelecer conexões entre o currículo de comunicação social-habilitação publicidade e propaganda e o discurso educativo. Os estudos da comunicação claramente se originaram do aporte de diversas disciplinas; as práticas comunicativas suscitaram o olhar – e se transformaram em objeto de estudo das várias ciências. Sua natureza interdisciplinar, fundada no cruzamento de diferentes contribuições, é indiscutível.

O discurso educativo e o comunicativo possuem alguns pontos de convergência:

- ambos são um processo de troca, ação partilhada, prática concreta, interação – e não apenas um processo de transmissão de mensagens;
- necessitam da atenção à presença de interlocutores, à intervenção de sujeitos sociais desempenhando papéis, envolvidos em processos de produção e interpretação de sentidos – mais do que simples emissores e receptores;
- em ambos os discursos encontramos formas simbólicas que trazem as marcas de sua produção, dos sujeitos envolvidos, de seu contexto – e não exatamente mensagens;
- há uma clara apreensão de processos produzidos situacionalmente, manifestações singulares da prática discursiva e do panorama sócio-cultural de uma sociedade - em lugar do recorte de situações isoladas.

Em suma, a comunicação e educação compreendem um processo de produção e compartilhamento de sentidos entre sujeitos interlocutores, realizado através de uma materialidade simbólica (da produção de discursos) e inserido em determinado contexto sobre o qual atua e do qual recebe os reflexos.

A especificidade do olhar da comunicação é alcançar a interseção de três dinâmicas básicas: o quadro relacional (relação dos interlocutores); a produção de sentidos (as práticas discursivas); a situação sócio-cultural (o contexto). O olhar do campo educativo incorpora outros elementos específicos do seu campo, mas agrega também as três dinâmicas básicas do campo comunicativo. O currículo é um produtor de sentidos, enquanto prática discursiva.

O processo comunicativo e educativo tem como características o fato de serem algo vivo, dinâmico, instituidor de relações; lugar não apenas onde os sujeitos dizem, mas também assumem papéis e se constroem socialmente; espaço de realização e renovação da cultura. Um currículo encerra um recorte da cultura da sociedade que ele representa.

Os recortes empíricos possíveis são múltiplos – praticamente infinitos no quadro das situações sociais existentes. A noção de processo comunicativo deve ser suficientemente sólida e articulada de forma a poder ser aplicada e permitir a análise das mais diferentes situações: uma campanha publicitária de cunho social ou o potencial comunicativo de um professor na interação com seus alunos em sala de aula e de um currículo como vetor da cultura acadêmica.

O discurso dos “media” possui a marca forte da heterogeneidade, o que acaba caracterizando esta formação discursiva. A linguagem é a matéria prima da comunicação e um currículo é construído através de múltiplas vozes que emanam de forma polifônica dos discursos sociais.

A construção de um currículo de comunicação tem a gramática de produção própria do campo, estabelecendo algumas singularidades no seu discurso, fazendo-nos perceber que uma concepção curricular é um projeto educativo amplo, perpassado pela cultura e pela identidade das diferentes áreas de conhecimento. Cabe que pensemos em formas de tornar o ensino superior mais reflexivo, crítico e muito além da simples organização de disciplinas, uma vez que isoladas e pensadas em formar mão-de-obra para o mercado de trabalho é reduzir todo o ensino superior a quase nada.

Referências

- BARTHES, R. 1995. *Lo óbvio y lo obtuso*. Barcelona, Paidós.
- COSTA, M. V. (org.). 1999. *O currículo nos limiares do contemporâneo*. Rio de Janeiro, DP&A.
- IASBECK, L. C. 2002. *A arte dos slogans: as técnicas de construção das frases de efeito no texto publicitário*. SP, Annablume; Brasília, UPIS.
- JAKOBSON, R. 2001. *Linguística e Comunicação*. São Paulo, Cultrix.
- KEMMIS, S. 1993. *El curriculum: más allá de la teoría de la reproducción*. Madrid, Morata.
- KUNSCH, M. M. K. (org.). 1986. *Comunicação e educação: caminhos cruzados*. São Paulo, Loyola.
- LARROSA, J. 2003. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. 4ª ed. Belo Horizonte, Autêntica.
- LAWRENCE, S. 1998. *Investigación y Desarrollo del curriculum*. Madrid, Morata.
- PACHECO, J. A. 2001. *Currículo: teoria e práxis*. Porto, Editora Porto.
- PEDRA, J. A. 2001. *Currículo, conhecimento e representações*. Campinas, Papirus.
- RIBEIRO, R. J. 2003. *A universidade e a vida atual – Fellini não via filmes*. Rio de Janeiro, Campus.
- RODRIGUES, A. D. 1990. *Estratégias de Comunicação. Questão comunicacional e formas de sociabilidade*. Lisboa, Presença.

SACRISTÁN, J. G. *O currículo: uma reflexão sobre a prática*. Porto Alegre.

SILVA, T. M. N. 1990. *A construção do currículo na sala de aula: o professor como pesquisador*. São Paulo, EPU.

SILVA, T. T. 1999. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte, Autêntica.

THOMPSON, J. B. 1995. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis, Vozes.